

# AS FONTES DE INFORMAÇÃO INFLUENCIAM A EDUCAÇÃO SEXUAL? DILEMAS PARA A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

¿LAS FUENTES DE INFORMACIÓN INFLUENCIAN LA EDUCACIÓN SEXUAL?  
DILEMAS PARA EL ENFOQUE DE LA SEXUALIDAD EN LA FORMACIÓN INICIAL  
DE PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA

THE SOURCES OF INFORMATION INFLUENCE SEX EDUCATION? DILEMMAS  
FOR THE APPROACH TO SEXUALITY IN THE INITIAL FORMATION OF PHYSICAL  
EDUCATION TEACHERS.

**Tuffy Felipe Brant, Mariana Zuaneti Martins**

Instituto Federal do Sul de Minas, Brasil

Correspondencia: Tuffy Felipe Brant  
Correo: filipibrant@gmail.com

Recibido: 10/04/2018; Aceptado: 27/08/2019  
DOI: 10.17398/0213-9529.39.1.43

## Resumo

Este é um estudo transversal descritivo realizado com 200 universitários de um curso superior de educação física. O objetivo deste trabalho foi identificar quais as fontes de informação os participantes mais buscam sobre saúde e sexualidade, problematizando tal contexto, a fim de proporcionar apontamentos para a formulação de políticas públicas de educação para a sexualidade no ensino superior. Para coleta de dados foi utilizado um questionário autoaplicável e anônimo. Os dados foram tratados por estatística descritiva, utilizando o programa Excel 2010. Como resultados, verificou-se que a internet era a fonte mais utilizada pelos participantes, seguida de amigos, mídia e centros de saúde. Embora os estudantes tenham acessibilidade a muitas fontes, nem sempre a informação é segura, podendo comprometer suas trajetórias de vida. É necessário ampliar os investimentos em educação sexual no ensino superior e intensificar as ações que favoreçam a prevenção de agravos e a promoção da saúde.

**Palavras-chave:** Educação, Educação Física, Sexualidade

## Resumen

Este es un estudio transversal descriptivo con 200 universitarios de un curso de educación física. El objetivo fue identificar cuáles son las fuentes de información que los participantes buscan sobre salud y sexualidad, problematizando tal contexto, a fin de proporcionar apuntes para la formulación de políticas públicas de educación para la sexualidad en la enseñanza superior. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario autoaplicable y anónimo. Los datos fueron tratados por estadística descriptiva, utilizando el programa Excel 2010. Como resultados, se verificó que Internet era la fuente más utilizada por los participantes, seguida de amigos, medios y centros de salud. Aunque los estudiantes tienen accesibilidad a muchas fuentes, no siempre la información es segura, pudiendo comprometer su trayectoria de vida. Es necesario ampliar las inversiones en educación sexual en la enseñanza superior e intensificar las acciones que favorezcan la prevención de agravios y la promoción de la salud.

**Palabras claves:** Educación, Educación Física, Sexualidad.

## Abstract

This is a descriptive cross-sectional study that was conducted with 200 college students from a physical education course. The aim of this study was to identify the sources of information most used by students in relation to health and sexuality. For data collection, a self-administered and anonymous questionnaire was used. The data were treated by descriptive statistics, using the program Excel 2010. As a result, it was verified that the internet was the most used source for the participants, followed by friends, media and health centers. Although students have accessibility to many sources, information is not always secure and may compromise their life trajectories. It is necessary to increase investments in sex education in higher education and to intensify actions that favor the prevention of diseases and the promotion of health.

**Key Words:** Education, Physical Education, Sexuality.

## INTRODUCCIÓN

De acordo com Guacira Lopes Louro (2017) são múltiplos os discursos sobre sexualidade na sociedade contemporânea, de modo que a educação não está fora dessa história. O tema está mais presente nas escolas brasileiras desde a segunda metade da década de 1980, motivada, em especial, pela urgência de combater a proliferação do vírus da AIDS. Por essa via, em 1996, o MEC institucionalizou a discussão de tal temática, a partir da inclusão do tema gênero e sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como temática transversal.

A inserção dessa temática no currículo escolar, no entanto, não faz com que inexistam barreiras para uma formação educacional mais ampla que contemple a educação para a sexualidade. A primeira barreira é que tal ampliação sobre a discussão da sexualidade na escola se permeou pela tônica do risco e ameaça (de gravidez indesejada, de disseminar Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), “colocando em segundo plano sua associação ao prazer e à vida” (Louro, 2017, p. 37). A consequência dessa tônica policial é que, a discussão empreendida no ambiente escolar sobre sexualidade, se distanciava das experiências de prazer e de autodescoberta vivenciadas pelos alunos (Altmann, 2001). A segunda barreira é a abordagem que se faz sobre o tema na formação superior, quase inexistente, realçando a lacuna nesse nível educacional de ensino (Falcão Jr et al., 2007; Altman, 2009; Matos et al., 2010; Almeida et al., 2011; Reis, 2012). A consequência desse cenário é que não se busca somente uma formação educacional mais ampla nesses ambientes, como também se negligencia o tema na formação profissional de futuros professores que disseminarão estes conhecimentos na escola.

Portanto, estudar sobre educação sexual nos cursos de formação de professores é uma estratégia crucial para melhoria da formação educacional e profissional. Para isso, é importante considerar onde os estudantes têm buscado informações sobre saúde sexual e sexualidade no percurso de suas vidas. Nestas fontes se incluem: a internet, escolas, professores, centros de saúde, entre outras (Nery et al., 2015).

A escolha das fontes de informação sobre sexualidade pode ser uma tarefa delicada e complexa, pois está relacionada a muitos aspectos sociais, educacionais, culturais, econômicos e políticos. Essas escolhas podem prejudicar os jovens e influenciarem seus comportamentos e práticas sexuais, impactando em suas trajetórias de vida (Matos et al., 2010; Reis, 2012; Nery et al., 2015). Além disso, tais escolhas também podem iluminar possíveis estratégias futuras, para os cursos superiores investirem na melhoria da formação profissional de seus estudantes.

Embora os pais, a escola e o centros de saúde desempenhem um papel fundamental na educação sexual dos jovens (Hyde et al., 2010; Nery et al., 2015; Macdowall et al., 2015), a comunicação entre esses sujeitos ainda se mostra frágil, necessitando de investimentos mais sólidos e interdisciplinares que permitam ir além dos “comportamentos sexuais adequados”, e discutam a sexualidade com sentidos e significados ampliados (Altmann, 2009). Nesse contexto, a escola poder ser um colaborador no papel da educação da sexualidade, desde que este tema seja abordado de forma contínua, debatida e divulgada, promovendo informações úteis e que contribuam com a formação, qualidade de vida e bem-estar dos alunos (Almeida et al., 2011; D’Amaral et al., 2015). Assim, a educação para a sexualidade deveria ser um processo progressivo, portanto, mantido no ensino superior, fase em que se amplia o desenvolvimento da sexualidade (Altman, 2009; Melo, 2009; Almeida et al., 2011).

Reconhecer como os jovens vivenciam e buscam informações sobre sexualidade é um fator importante para a elaboração, implementação e desenvolvimento de programas educativos que venham a contribuir para formação e promoção da saúde (Almeida et al., 2011). Considerando este cenário, o objetivo deste trabalho foi identificar quais as fontes de informação os participantes mais buscam sobre saúde e sexualidade, problematizando tal contexto, a fim de proporcionar apontamentos para a formulação de políticas públicas de educação para a sexualidade no ensino superior.

A escolha dos estudantes serem do curso de educação física se justifica em função destes profissionais serem constantemente abordados e responsabilizados pelo debate sobre o corpo e a sexualidade no ambiente escolar (Altmann, 2001). De acordo com os PCNs, a educação física é o espaço privilegiado para tratar do tema, em função das dinâmicas das aulas, práticas e mistas, e da aprendizagem do convívio com aqueles que possuem competências distintas: Ministério da Educação do Brasil [MEC], (2000). Nesse sentido, ao enfocarmos esta amostra, não só contemplamos a discussão sobre a educação da sexualidade neste nível de ensino, como também refletimos sobre a formação de professores para abordar este tema em outros níveis.

É esperado que estudantes de educação física apresentem um diferencial em relação ao perfil sexual geral da população, por serem da área da saúde e educação, além da importância do papel educacional que esses professores terão na formação e educação sexual dos alunos. Evidentemente, essa expectativa não necessariamente se confirma, como as pesquisas já demonstraram (Falcão Jr et al., 2007; Velho et al., 2010; D'Amaral et al., 2015). Tal fato, no entanto, faz emergir problemas para serem pensados ao longo da formação desses profissionais – reflexões estas que faremos com base em apontamentos ao longo da discussão deste artigo.

## MÉTODO

Este é um estudo descritivo e transversal realizado numa instituição pública de ensino médio e superior. Do universo de 239 alunos matriculados no curso superior de educação física, participaram 200 estudantes, 122 homens e 78 mulheres, 80% com idades entre 17 e 25 anos, sendo 84,8% solteiros e 88,5% residentes em área urbana, embora seja uma população específica com forte tradição no campo.

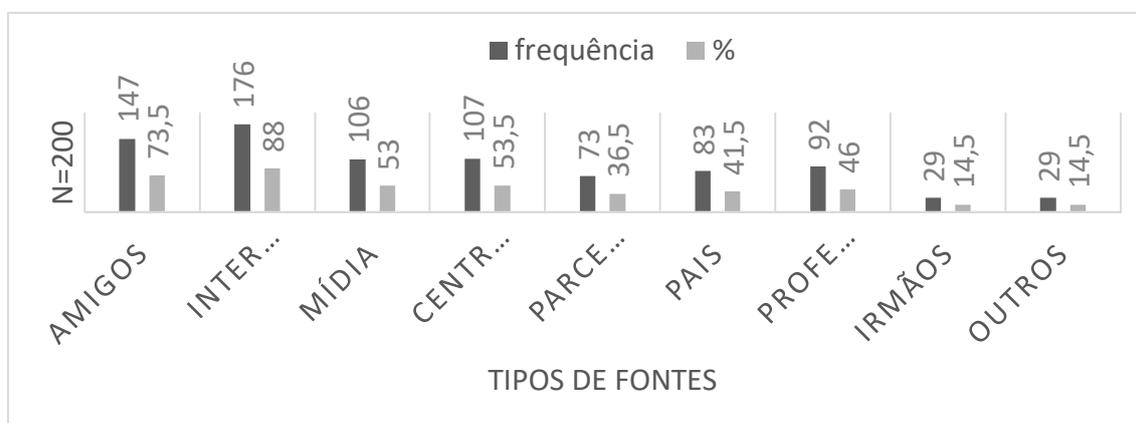
Os dados foram coletados com a aplicação de um questionário, constituído de perguntas fechadas. As questões foram elaboradas pelos autores, de acordo com o perfil e a realidade dos participantes e tendo como referência o relatório do estudo saúde sexual e reprodutiva de estudantes universitários (Matos et al., 2011, p.17) e o estudo *Health Behaviour in School – Aged Children – HBSC* (Reis, 2012, p.67-68). As perguntas do questionário elaborado buscavam uma compreensão mais aprofundada dos comportamentos dos jovens universitários, bem como da importância da educação sexual para este público. O questionário foi validado com aplicação de um teste piloto.

Antes do questionário, aplicou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que permitia utilizar os dados na pesquisa. Os questionários foram respondidos com garantia de sigilo e anonimato e, a partir deles, foi feito um banco de dados com as respostas. A análise dos dados foi feita por estatística descritiva, utilizando o programa Excel 2010, onde se calculou frequências e percentuais das respostas, bem como o cruzamento de certas questões para possíveis associações e discussões.

Este trabalho foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, sob o parecer N<sup>o</sup> 1.384.210.

## RESULTADOS

Respectivamente, os participantes indicaram a internet (88%), amigos (73,5%), mídia e centros de saúde (53% e 53,5%), como as fontes informação mais utilizadas sobre saúde sexual e sexualidade. Os resultados podem ser observados na Figura 1.



**FIGURA 1.** Fontes de informação mais utilizadas pelos participantes

Como os estudantes poderiam apontar mais de uma fonte como recurso para a busca de informações sobre o tema, na tabela 1, apresentamos a associação entre as fontes. Nesta tabela, calculamos a razão entre os estudantes que declaram utilizar duas fontes (por exemplo, internet e amigos) e todos os estudantes que declaram utilizar a fonte. Quanto mais próximo a 100% for a razão, maior será a associação entre a utilização das fontes como referência para informações sobre sexualidade.

**Tabela 1.** Combinação de utilização de fontes na busca por informação sobre sexualidade

Fontes de informação	Associação Internet com outras fontes			Associação Pais e outras fontes			Associação Centro de Saúde e fontes			Associação Professores e outras fontes		
	Associação Internet com outras fontes	Frequência absoluta da fonte	Razão	Associação Internet com outras fontes	Frequência absoluta da fonte	Razão	Associação Internet com outras fontes	Frequência absoluta da fonte	Razão	Associação Internet com outras fontes	Frequência absoluta da fonte	Razão
Amigos	111	121	92%	54	121	45%	58	121	48%	53	121	4%
Internet				56	144	39%	80	144	56%	64	144	4%
Mídia	80	88	91%	42	88	48%	50	88	57%	45	88	1%
Centro de Saúde	80	88	91%	46	88	52%				48	88	5%
Namorado/a	58	63	92%	35	63	56%	31	63	49%	34	63	4%
Pais	56	67	84%	44	74	59%	46	67	69%	44	67	6%
Professores	64	74	86%				48	74	65%			
Irmãos	24	25	96%	21	25	84%	18	25	72%	19	25	6%
Outros	21	23	91%	13	23	57%	14	23	61%	13	23	7%

A seguir, na figura 2, percebemos que não há uma influência na quantidade de fontes utilizadas e o percentual de acerto nas questões sobre conhecimentos sobre saúde sexual e sexualidade. Testamos também a relação de cada fonte com os conhecimentos sobre o tema, expressa na figura 3, sobre o tipo de fonte utilizada e o percentual de acertos nas questões sobre conhecimentos sobre saúde sexual e sexualidade. Notamos que, entre aqueles que

declaram que sua fonte de informação são professores e pais, há um decréscimo na quantidade de alunos cujos acertos são inferiores a 70% das questões, bem como há uma concentração menor de alunos com índice de acertos superior a 90% entre aqueles que declaram ter como fonte os professores.

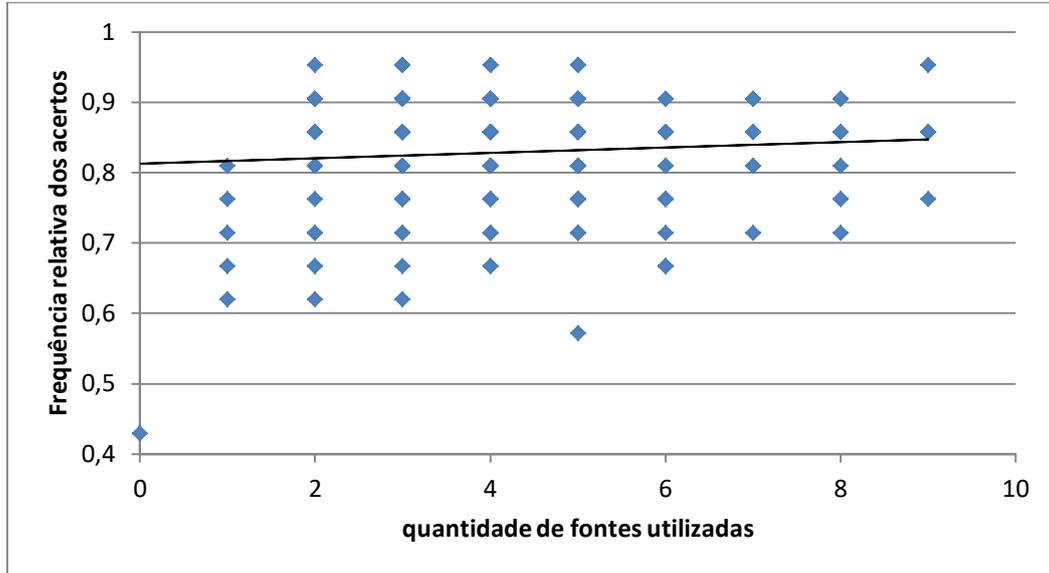


FIGURA 2. Quantidade de fontes utilizadas e percentual de acertos nas questões sobre conhecimentos sobre sexualidade

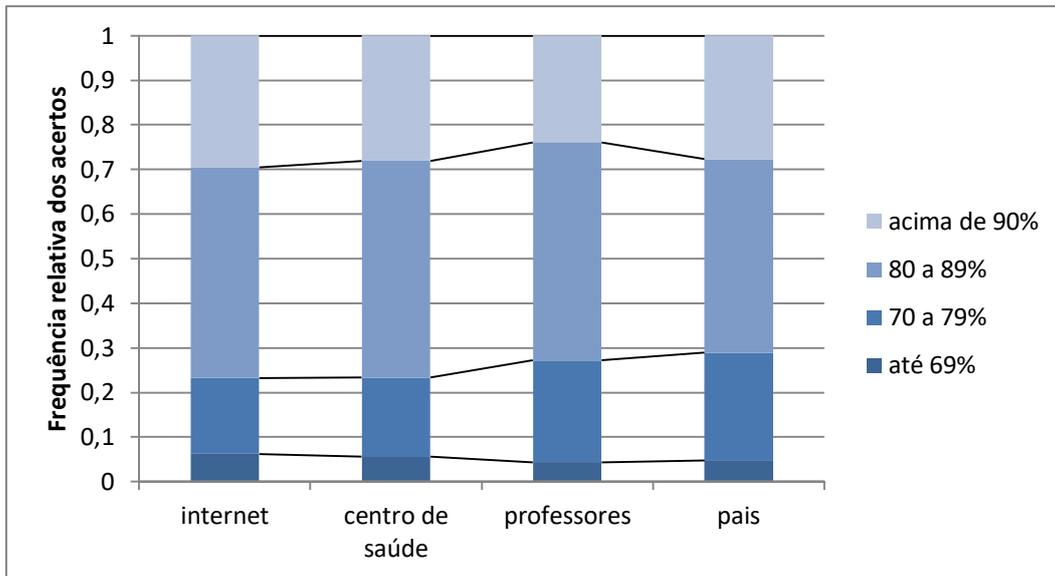
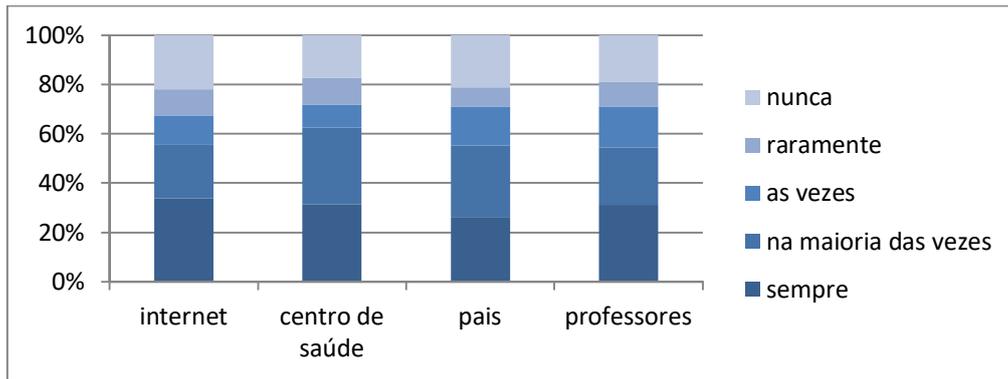


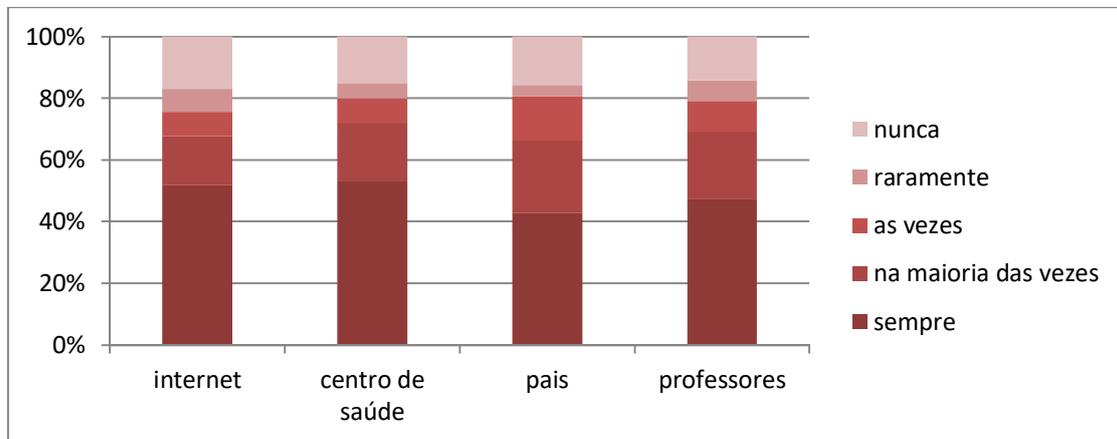
FIGURA 3. Relação de cada fonte com os conhecimentos sobre sexualidade

Por fim, demonstramos a relação entre os comportamentos sexuais e as fontes de informação consultadas. Nas figuras 4 e 5, verificamos que não houve muita diferença em relação as fontes de informações com os comportamentos dos participantes. Na figura 5, correlacionando ao uso de preservativos para prevenção de gravidez, percebemos uma inclinação de comportamento de risco mais acentuada para aqueles que declararam que os pais são uma das fontes de informação. Aqueles que buscam o centro de saúde,

aparentemente, tem uma propensão maior de se prevenir, sobretudo, de DSTs, apresentando uma frequência relativa menor, dentre aqueles que declaram nunca utilizar preservativos.



**FIGURA 4.** Resposta dos alunos à questão sobre a frequência que usam preservativos para prevenir DSTs e fonte de informação declarada para conhecimentos sobre sexualidade.



**FIGURA 5.** Resposta dos alunos para a frequência com que usam preservativos para prevenção à gravidez e fonte de informações sobre conhecimentos sobre sexualidade.

## DISCUSSÃO

Estudos anteriores revelaram que universitários indicaram os pais e a escola como uma das principais fontes de informações sobre a saúde sexual e a sexualidade (Hyde et al., 2010; Nery et al., 2015). Um trabalho realizado por Macdowall et al. (2015), revelou que os jovens que tiveram a escola como maior fonte de informação sobre o tema, fizeram menos relatos de comportamentos sexuais de riscos. Embora a sexualidade seja um tema de urgência previsto nos currículos escolares brasileiros, o tratamento desse assunto ainda se mostra inconsistente e censurado. As campanhas são eventuais e normalmente só aparecem no início da puberdade ou no ensino médio. Mesmo assim, a abordagem é focada em prevenção à gravidez (Altmann, 2009). Nesse cenário desestimulador, é necessário repensar o tratamento da sexualidade na escola, para que de fato possa contribuir com a formação do aluno e com um “viver da sexualidade” mais consciente, libertador e seguro. Por isso, se faz necessário repensar as formas de abordar a educação para a sexualidade, de modo a dialogar melhor com as escolhas dos estudantes e seguir um viés menos disciplinador, portanto, sendo mais interativo e dialógico.

Para Souza (2012), a internet tem sido um espaço mundialmente importante, não só pela quantidade de informações disponíveis, mas pela acessibilidade que permite qualquer pessoa

ter informação de qualquer lugar do planeta, além de gerar e distribuir informações em larga escala a nível mundial. A autora investigou a influência dos meios de comunicação social nas atitudes e comportamentos sexuais dos universitários. Para ela, a acessibilidade e o anonimato são fatores determinantes para que os jovens utilizem a internet em suas atividades sexuais, distinguindo-se da televisão, revistas e vídeos.

O estudo de Souza (2012) revelou que os “diferentes meios de comunicação social, concretamente a internet, a televisão, os jornais, revistas, livros e rádio, não influenciaram quer os conhecimentos e atitudes face à contraceção, quer os comportamentos e práticas sexuais dos universitários” (p.98). O mesmo estudo, apontou a mídia como a fonte de informação menos utilizada pelos participantes. Em contrapartida, este estudo identificou que a mídia é uma fonte de informação bastante utilizada pelos participantes. De acordo com a literatura, a mídia pode influenciar os comportamentos sexuais dos universitários (Martins et al., 2008).

Nesse sentido, um uso não mediado da mídia pode acarretar as possibilidades dos jovens contraírem DST ou resultar numa gravidez indesejada, uma vez que um dos efeitos é induzirem-nos a adiantar suas relações sexuais. A possível consequência danosa é que, em geral, quanto mais novos forem os jovens, menos informação consubstanciada eles terão. (Healey, 2014; Nelson, 2014; D’Amaral et al., 2015).

A importância das mídias e da internet como fontes de informação está relacionada ao fato das mesmas serem parte da vida cotidiana, em especial de jovens (Wellmann & Gulia, 2000). As tecnologias da informação (TICs) e as comunidades virtuais são mediadores do cotidiano, de modo que são mais do que parte da produção midiática, são constituidores de identidade e parte da nossa comunicação com outros (Cruz & Ardèvol, 2013). A ideia de mediação, na forma de compreender a relação das pessoas com as tecnologias de informação, desloca o olhar de uma mera relação entre produtor e consumidor (de um filme, ou dos meios de comunicação de massa, como televisão, rádio, etc), para um híbrido, em que a representação por meio das TICs são sempre uma extensão performativa das nossas práticas e dos eventos sociais (Kember & Zylinska, 2012). Se a mediação com as TICs é extensão performativa das nossas práticas sociais, presentes no cotidiano, criando vínculos e permitindo acesso e participação em ambientes inusitados, a educação para a sexualidade pode também se valer dessas perspectivas, a fim de se inserir como educação para a vida.

Embora a internet possa aumentar a velocidade e acessibilidade da informação sobre sexualidade, os jovens precisam ter cuidado com a qualidade e segurança dos conteúdos. A informação hoje é muito rápida, acessível e proveniente de várias redes, no entanto, não seria a quantidade às essas múltiplas fontes que estariam relacionadas proporcionalmente a qualidade do conhecimento que os jovens tem, como encontrados neste estudo de acordo com a figura 2. As informações podem ser inseguras e acabam prejudicando o conhecimento que reflete nos comportamentos das pessoas. Se essas informações forem tomadas como verdades, elas influenciarão diretamente nos comportamentos sexuais de risco (Nelson et al., 2014).

A segunda fonte de informação indicada, tal como nos resultados encontrados na investigação de Tanton e colaboradores (2015), são os amigos. Este fato pode estar relacionado à confiança e à afinidade que se estabelecem entre eles. Tal como as TICs e a internet, os amigos podem não ser uma fonte de informação segura, considerando as diferenças que cada um tem de viver sua sexualidade e do nível de maturidade emocional. No entanto, ambos contemplam a possibilidade de buscar informações não somente sobre

comportamentos de risco, mas do prazer em viver a sexualidade e o possibilitam de forma mediada com aqueles que possuem vínculo.

Por outro lado, a terceira fonte indicada são os centros de saúde. Uma razão comum para isso pode estar relacionada à necessidade de os jovens buscarem métodos de prevenção contra DST e gravidez, ou mesmo terem acesso a exames médicos e medicamentos (Kennedy et al., 2013). Na opinião de D'Amaral e colaboradores (2015), quanto mais complexo for o assunto, maior será a procura do jovem por informação através de médicos e enfermeiros. Esse fato pode levá-los a procurarem os centros de saúde de forma eventual. Ainda que os jovens busquem informações nos centros de saúde sobre assuntos "mais complexos", a procura poderia ser constante, independentemente do nível da informação. Isso poderia ajudar o trabalho preventivo, ao invés de aumentar os índices de tratamentos.

Aparentemente, de acordo com a figura 4, observamos uma leve propensão dos participantes em aumentar a frequência do uso de preservativos para prevenir DSTs, quando a fonte de informação era centros de saúde. Este dado pode estar relacionado a gratuidade e maior acesso que os jovens tem aos preservativos no centros de saúde. Outro fator considerável seriam as campanhas que os centros fazem sobre saúde sexual, sobretudo à prevenção às DSTs, no momento em que os jovens buscam os preservativos.

Entretanto, devido à função destes espaços, os centros de saúde fazem uma abordagem mais biológica quanto à educação para sexualidade e aos métodos preventivos (Vahdat et al., 2013). Neste contexto, o atendimento pode se descuidar de aspectos emocionais, sociais e culturais que fazem parte da orientação sexual. Se o ambiente proporcionasse um acolhimento interdisciplinar, a comunicação entre os jovens, médicos e enfermeiros poderia ser mais próxima, deixando o jovem mais à vontade em esclarecer suas dúvidas a respeito da sexualidade. Essa pode ser uma das justificativas para não estar entre os mais procurados, embora forneçam meios para relações sexuais seguras.

Um pouco menos frequente, os pais também foram indicados como fontes de informação pelos universitários. De forma semelhante, um estudo revelou que universitários tinham os pais como uma das principais fontes de informação sobre sexualidade (Tanton et al., 2015). Apesar de os pais possuírem um papel importante na educação para a sexualidade dos filhos (Ribeiro & Fernandes, 2009), os constrangimentos, tabus, falta de confiança e medo ainda permanecem como barreiras para que eles abordem este assunto. Assim, os pais acabam resistindo ou adiando uma conversa com os filhos (Macdowall et al., 2015), o que pode levar os jovens a buscarem informações na internet, amigos ou mídia.

Na figura 5, observamos um inclinação mais acentuada de comportamentos de riscos dos participantes, para aqueles que declararam os pais como fontes de informação, sobretudo para o uso de preservativo na prevenção de gravidez. Embora os pais sejam, possivelmente, suas primeiras referências sobre sexualidade, o jovem ainda sente muita dificuldade em dialogar mais abertamente com eles, principalmente quando o assunto é gravidez. O medo de falar sobre este assunto, pode estar relacionado ao que os pais irão pensar.

Por isso, no caso específico da comunidade estudada, o fato dos participantes terem indicado menos os pais como fontes de informação, pode estar relacionado às dificuldades de comunicação. Muitos deles vieram de famílias com forte tradição no campo, o que pode dificultar uma comunicação mais aberta entre pais e filhos, por conta de ser um assunto difícil de ser abordado, além do baixo nível de instrução, tabus e preconceitos dos pais relacionados aos aspectos culturais e regionais.

Embora a comunicação entre pais e filhos sobre saúde sexual e sexualidade apresentem várias lacunas, na figura 3 notamos que, entre aqueles que declaram que sua fonte de informação são professores e pais, há um decréscimo na quantidade de alunos cujos acertos são inferiores a 70% das questões aplicadas. Isso reforça a importância desses sujeitos na educação sexual dos filhos e das competências que eles tem para isso. Entendemos que o diálogo entre escola e pais devam ser fortalecer, a fim de ampliar e aumentar a qualidade da comunicação entre pais e filhos e ao acesso às fontes de informações mais seguras.

Por fim, outra fonte menos indicadas são os professores e as escolas. Diferentemente dos resultados do estudo de Tanton e colaboradores (2015), que identificou a escola como a maior fonte de informações sobre o assunto (80% dos participantes indicaram-na), entre os estudantes de educação física, apenas 46% as indicaram. Uma possível explicação pelo menor índice da fonte professores/escola, pode estar relacionado à deficiência do sistema educacional em tratar sobre o tema. Ou seja, embora a sexualidade tenha sido legitimada como um conteúdo a ser tratado na educação básica e devesse, portanto, ter um tratamento pedagógico em todas as disciplinas, ainda são muitas as barreiras que impedem avanços importante para a evolução desse tema na escola (Altmann, 2009; Almeida et al., 2011). O fato de as escolas tratarem do assunto, tal como nos Centros de Saúde, com ênfase em aspectos biológicos e normalizadores, buscando imprimir aos jovens um comportamento padrão, a afasta de seu papel privilegiado (Louro, 2017).

Outra dificuldade está no tratamento da sexualidade com ênfase na fecundação, gestação e maternidade. Para Altmann (2009), o fato de o trabalho de educação para a sexualidade estar focado na prevenção da gravidez indesejada, além de certas medidas governamentais para facilitar o uso da pílula, faz com que quando se fala de sexo, toda ênfase recai justamente sobre o controle da sexualidade da mulher, de modo que a educação para a sexualidade é veiculada por meio de discursos que visam aprofundar o biopoder e não produzir uma ética para a vivência do prazer (Foucault, 2015). Ou seja, reduzir o tratamento da sexualidade a essa abordagem pode afastar os jovens da informação e dos meios de prevenção. É preciso considerar as formas como os jovens estão vivendo sua sexualidade, como o sexo sem compromisso e ocasional (Altmann, 2009).

Outra barreira é o diálogo entre professores e alunos. Segundo a literatura, professores relataram terem dificuldades em trabalharem com os jovens sobre este assunto. Uma possível explicação para isso pode ser a formação profissional que antecede o momento docente (Almeida et al., 2011), já que tais temáticas são pouco privilegiadas no currículo do ensino superior. De acordo com Dinis (2011, p. 48), a temática da sexualidade urge a ser tratada no currículo da formação docente, porque é por essa via que as discussões chegarão ao ambiente e ao currículo escolar, uma vez que apenas a norma prescrita do currículo não é suficiente para que ele seja posto em prática e vivido na escola (Gimeno Sacristán, 1998). No entanto, a realidade constatada é uma carência dessa abordagem no ensino superior, devido à maior autonomia das instituições universitárias e flexibilidade na formação, de modo que, ao mesmo tempo em que muitos jovens até cursam disciplinas específicas sobre esta temática, a maioria sequer passa por essa discussão ao longo da trajetória acadêmica (Altmann, 2013).

Por isso, em primeiro lugar, é importante que professores passem por um processo de capacitação continuada de habilidades, buscando atualização de conhecimento e superação do senso comum. Iniciativas como os cursos de especialização do Gênero e Diversidade na Escola (GDE) e do Brasil sem homofobia<sup>1</sup> são exemplos de projetos de formação continuada para capacitar professores para tratar da educação para a sexualidade na escola (Altmann,

2013). Esse processo pode aproximar professores e alunos e facilitar um diálogo mais aberto entre eles.

Outro fator decisivo, iluminado pelas pesquisas que demonstram as principais fontes de informação buscadas pelos jovens, é a descentralização do modelo autocrático de ensino, segundo o qual, só o professor detém o conhecimento e o transmite de acordo com a sua maneira de pensar a sexualidade, que pode ser um fator de distanciamento entre esses sujeitos (Almeida et al., 2011). O fato de a internet e as mídias terem sido a principal fonte em detrimento da escola, talvez seja uma indicação de que estes dois aspectos poderiam ser conjugados a fim de uma abordagem mais efetiva. Macdowall et al. (2015) demonstrou que quando a escola é a fonte de informação sobre sexualidade, as consequências são positivas sobre o comportamento dos alunos, que relataram menor frequência de comportamentos sexuais de risco. Dessa forma, é importante continuar privilegiando a escola como ambiente formativo para a sexualidade. No entanto, urge problematizarmos as formas como a escola vem abordando a temática e a conjugarmos à realidade vivida pelos jovens na contemporaneidade. Nesse sentido alguns apontamentos podem ser indicados para pensar a educação para a sexualidade na formação superior.

Em primeiro lugar, considerando que estes profissionais serão disseminadores de conhecimento e futuros formadores, é importante que o tema seja abordado no ensino superior buscando uma transformação nas suas ênfases. Como parte da área da saúde e da educação, a educação física, no que tange ao tema, deveria abandonar a centralidade nos discursos normalizadores e disciplinadores e buscar direcionar os esforços para a reflexão sobre a transversalidade entre corpo, gênero, sexualidade e das relações de poder (Louro, 2017). Ou seja, um currículo que problematize as classificações engendradas no corpo a partir de uma matriz binária “heterossexual/homossexual”. Tais classificações são marcadas pelo poder e hierarquizam sujeitos. Em vez de classificar, então, a ênfase deveria ser na alteridade e na diferença como centro do processo educativo (Miskolci, 2017). Isso significaria também um currículo não preocupado com o controle das pessoas, mas a vivência da sexualidade de forma menos normalizadora. A questão dos riscos deveria ser abordada não sob o viés do controle da sexualidade feminina, uma vez que a ênfase é a derivação de uma matriz curricular heteronormativa (Altmann, 2009). Tal problemática deveria ser abordada como um pré-requisito para vivência de uma sexualidade mais livre, a consciência das consequências e dos riscos que algumas escolhas imputam para a vida. Significaria viver a sexualidade sem focar direcionamentos de normalização homossexuais e heterossexuais, permitindo um prazer consciente, que por vezes reprimido, pode gerar em comportamentos sexuais clandestinos.

Em segundo lugar, ao observarmos as fontes de informação que predominam nas escolhas dos estudantes, fica explícito não somente a falha da escola, mas a proeminência da internet e das TICs como forma de mediação de vínculos e do conhecimento dos jovens. Por essa via, seria interessante trabalhar a educação para a sexualidade na escola incluindo estes dispositivos, de forma a tentar uma maior eficiência no diálogo e uma orientação para uma busca mais consciente de informações nesses meios, por parte dos alunos. Neste caso, o professor poderia ser mais um dos mediadores na relação entre jovem e TICs, e a escola poderia fazer parte das comunidades virtuais constituídas pelos jovens. Sendo estas redes mediadoras da vida dos jovens, não há motivo para que o ambiente escolar não esteja integrado à elas. Estudos já demonstram a importância das TICs e da internet para fomentar ambientes de aprendizagem mais participativos na escola (Thurston, 2005; Silva, 2005; Souza, 2005). Nesse sentido, cabe, desde a formação superior dos professores, uma abordagem em

rede desta temática, utilizando as potencialidades de construção de comunidades virtuais, estratégias de diálogo, de confirmação de informações, de troca e compartilhamento.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa observou que a fonte de informação mais apontada pelos estudantes de educação física sobre o tema da sexualidade foi a internet, seguida de amigos, mídia e centros de saúde. Entendemos que o reconhecimento dessas fontes de informação é fundamental para o planejamento de práticas pedagógicas que busquem contribuir com o processo da educação sexual no ensino básico e que seja continuado no ensino superior.

Portanto, é importante discutir sensivelmente sobre o tema sexualidade no processo de formação de professores de educação física, considerando as TICs e a internet neste processo. A educação para a sexualidade tem um papel importante nos cursos de formação de professores de educação física, pois estes estudantes também estarão lidando diretamente com alunos em níveis de formação mais baixo. No entanto é necessário ampliar o estudo do tema no ensino superior.

### REFERÊNCIAS

- Almeida, S. A., Nogueira, J. A., Silva, A. O., Torres, G. V. (2011). Orientação sexual nas escolas, Revista gaúcha de enfermagem. 32(1), 107-113.
- Altmann, H. (2009). Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção, Cadernos de Pesquisa, 39(136), 175-200.
- Altmann, H. (2001). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas, 9(2).
- Altmann, H. (2013). Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana, (13).
- Censo da Educação Superior INEP. (2013). Recuperado em 18 de abril de 2015 de <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/resumos-tecnicos>.
- D'Amaral, H. B., Rosa, L. A., Wiken, R. O., Spindola, T., Pimentel, M. R. R. A., Ferreira, L. E. M. (2015). As práticas sexuais dos graduandos de enfermagem e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Revista Enfermagem UERJ, 23(4), 494-500.
- Dinis, N. F. (2011). Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. Educar em revista, (39), 39-50.
- Foucault, M. (2015). A História da sexualidade 1: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gimeno-Sacristán, J. (1998). O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática. SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, Al Pérez. *Compreender e transformar o ensino*, 4, 119-148.
- Gomez-Cruz, E & Ardèvol, E. (2013). Ethnography and the field in media (ted) studies: A practice theory approach. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 9(3).
- Hyde, A., Carney, M., Drennan, J., Butler, M., Lohan, M., Howlett, E. (2010). The silent treatment: parents' narratives of sexuality education with young people. *Cult Health Sex*, 12(4), 359-371.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). Cidades. Recuperado em 30 de junho de 2015 de <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314410&search=|inifogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>.
- Janeiro, J. M. S. V., Oliveira, I. M. S., Rodrigues, M. H. G., Maceiras, M. J., Rocha, G. M. M. (2013). As atitudes sexuais, contraceptivas, o locus de controle da saúde e autoestima em estudantes do ensino superior. *Revista Brasileira Promoção da Saúde*, 26(4), 505-512.
- Kember, S. & Zylinska, J. (2012). *Life after new media: Mediation as a vital process*. mit Press.
- Kennedy, E. C., Bulu, S., Harris, J., Humphreys, D., Malverus, J., Gray, N. J. (2013). "Be kind to young people so they feel at home": a qualitative study of adolescents and service providers' perceptions of youth-friendly sexual and reproductive health services in Vanuatu. *BMC Health Services Research*. 13 (455). Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1472-6963/13/455>.
- Louro, G. L. (2017). Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer: Autêntica.
- Macdowall, W., Jones, K. G., Tanton, C., Clifton, S., Copas, A. J., Mercer, C. H., Palmer, M. J., Lewis, R., Datta, J., Mitchell, K. R., Field, N., Sonnenberg, P., Johnson, A. M., Wellings. (2015). Associations between source of information about sex and sexual health outcomes in Britain: findings from the third National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles. (Natsal-3) *BMJ Open* (pp.1-10), disponível em: <http://bmjopen.bmj.com/content/5/3/e007837#BIBL>.
- Martins, A. T., Nunes, C., Silva, A. M., Garcia, M. S. (2008). Fontes de informação, conhecimentos e uso do preservativo em estudantes universitários do Algarve e de Huelva. *PSICO*, 39(1), 7-13.
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ferreira, M., Reis, M., Ramiro, L., Pereira, S. Morais, M. (2010). O comportamento sexual dos adolescentes portugueses – estudo *HBSC/OMS*. In. Matos,

- M. G. & Equipa do Aventura Social (eds). *Sexualidade: afeto, cultura e saúde*. (pp. 93-158). Lisboa, Portugal: Coisas de Ler. ISBN: 978-989-8218490.
- Matos, M. G., Reis, M., Ramiro, L., Equipa Aventura Social. (2011). *Saúde sexual e reprodutiva dos estudantes do ensino superior – Relatório do Estudo HBSC/SSREU*. [Sexual and Reproductive Health of Student in Higher Education – Study Report HBSC/SSREU.] UTL/CMTD-UNL.
- Melo, A. S. A. F. (2009). *Sexualidade e universidade: conhecendo um pouco mais*. In P. R. M. Ribeiro (Org). *Gênero, sexualidade e educação sexual em debate* (pp.25-32). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Ministério da Educação do Brasil. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*.
- Ministério da educação do Brasil. (2013). *Censo de Educação Superior – INEP*. Recuperado em 10 de novembro de 2016, de <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/resumos- tecnicos>
- Miskolci, R. (2017). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças: Autêntica*.
- Ndabarona, E. & Mchunu, G. (2014). Factors that influence utilisation of HIV/AIDS prevention methods among university students residing at a selected university campus. *Journal of Social Aspect of HIV/AIDS*. 2(1), 203-2010.
- Nelsona, E., Edmondsb, A., Ballesterosc, M., Sotod, D. E., Rodrigueze, O. (2014) The unintended consequences of sex education: an ethnography of a development intervention in Latin America. *Anthropology & Medicine*. 21(2): 189-201, disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13648470.2014.918932>.
- Nery, I. S., Feitosa, J. J. M., Sousa, A. F. L., Fernandes, A. C. N. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paul Enfermagem*, 28(3), 287-92.
- Reis, M. S. P. (2012). *Promoção da saúde sexual em jovens universitários portugueses - conhecimentos e atitudes face à contraceção e à prevenção das ISTs*. Tese de doutorado. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Ribeiro, M. B., Fernandes, A. J. G. (2009). Comportamentos sexuais de risco em estudantes do ensino superior público da cidade de Bragança. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(1), 99-113.
- Silva, R. (2005). *Gestão da Aprendizagem e do Conhecimento*. In R. Silva e A. Silva (Orgs.), *Educação, Aprendizagem e Tecnologia: um Paradigma para professores do século XXI* (pp. 41-66). Lisboa: Edições Sílabo.
- Souza, R. (2005). *Uma Proposta Construtiva para a Utilização de Tecnologias na Educação*. In R. Silva e A. Silva (Org.), *Educação, Aprendizagem e Tecnologia – Um Paradigma para Professores do Século XXI* (pp.121-138). Lisboa: Edições Sílabo.
- Tanton, C., Jones, K. G., Macdowall, W., Clifton, S., Mitchell, K. R., Datta, J., Lewis, R., Field, N., Sonnenberg, P., Stevens, A., Wellings, K., Johnson, A. M., Catherine, H. (2015). Patterns and trends in sources of information about sex among young people in Britain: evidence from three national surveys of sexual attitudes and lifestyles. *BMJ Open*. (pp. 1-10).
- Thurston, A. (2005). Building online learning communities. *Technology, Pedagogy and Education*, 14(3), 353-369.
- Vahdat, H. L., L'Engle, K. L., Plourde, K. F., Magaria, L., Olawo, A. (2013). There are some questions you may not ask in a clinic: Providing contraception information to young people in Kenya using SMS. *International Journal of Gynecology and Obstetrics*, 123, 2-6.
- Velho, M. T. A. C., Moraes, A. B., Tonial, A. F., Franchini, F. P., Neto, N. B. F., Santos, F. G., Silva, L. C. (2010). *Estudo sobre a sexualidade entre universitários moradores de casas do estudante do Sul do Brasil*. *Revista da AMRIGS*, 54(4), 399-405.
- Wellman, B., Gulia, M. (2000). Net surfers don't ride alone: Virtual communities as communities. *Networks in the global village*, 331-366.

---

<sup>1</sup> O GDE foi um curso de especialização dedicado a professores. Foi uma iniciativa das Secretarias especiais de Políticas para mulheres e a de Promoção da igualdade racial, cujo objetivo era qualificar professores para que estes fossem agentes, no ambiente escolar, de disseminação de uma cultura de valorização da diversidade e de equidade de gênero, contribuindo para a não reprodução de preconceito. O Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual datou de 2004, numa aliança entre os movimentos sociais de diversidade sexual e o governo federal, para uma política interministerial de combate à violência e a discriminação GLTB.